

Entre silêncio e narrativa: o cansaço como experiência originária em Peter Handke

Between Silence and Narrative: Fatigue as an original experience in Peter Handke

LARA PASSINI VAZ-TOSTES

Pós-graduanda em Filosofia e Teoria do Direito (PUC Minas)
laravaztostes@hotmail.com

Resumo: O presente artigo analisa a obra *Ensaio sobre o cansaço* de Peter Handke (1989), buscando compreender como o autor transforma a experiência aparentemente banal do cansaço em um fenômeno existencial e narrativo fundamental. Longe de ser apenas uma ausência de forças, o cansaço aparece como condição reveladora da relação entre sujeito, linguagem e mundo. A partir da descrição dos “quatro modos de relação” apresentados por Handke, o texto dialoga com a teoria da narrativa de Paul Ricoeur (*Tempo e Narrativa*) e com a ética da alteridade de Emmanuel Levinas (*Totalidade e Infinito*), mostrando como o cansaço pode se tornar um espaço de suspensão da linguagem, mas também de abertura silenciosa para o outro e para uma nova configuração de sentido. Defende-se que o cansaço, na perspectiva de Handke, é um estado originário que possibilita tanto uma narrativa sem palavras quanto uma ética da escuta.

Palavras-chave: Peter Handke; cansaço; narrativa; Paul Ricoeur; Emmanuel Levinas.

Abstract: This article analyzes Peter Handke’s *Essay on Fatigue* (1989), seeking to understand how the author transforms the seemingly banal experience of fatigue into a fundamental existential and narrative phenomenon. Far from being merely an absence of strength, fatigue appears as a revealing condition of the relationship between subject, language, and world. Based on the description of the “four modes of relation” presented by Handke, the text engages in dialogue with Paul Ricoeur’s theory of narrative (*Time and Narrative*) and Emmanuel Levinas’s ethics of alterity (*Totality and Infinity*), showing how fatigue can become both a space of linguistic suspension and a silent opening toward the other and toward a new configuration of meaning. It is argued that, in Handke’s perspective, fatigue constitutes an original state that enables both a wordless narrative and an ethics of listening.

Keywords: Peter Handke; fatigue; narrative; Paul Ricoeur; Emmanuel Levinas.

1 INTRODUÇÃO

Em *Ensaio sobre o cansaço*, publicado em 1989, Peter Handke propõe uma reflexão radical sobre uma experiência que, embora universal, permanece frequentemente relegada à condição de banalidade ou mero dado fisiológico: o cansaço. Mais do que descrever estados de fadiga física ou psíquica, Handke transforma o cansaço em objeto de uma investigação poética e filosófica, conferindo-lhe dignidade existencial. O livro não se limita a relatar impressões individuais; ele se constrói como

um verdadeiro exercício fenomenológico, no qual o cotidiano é suspenso para revelar dimensões ocultas da experiência. Nesse sentido, a obra ocupa um espaço singular na tradição literária e filosófica contemporânea: um lugar entre a narrativa e o ensaio, entre o testemunho pessoal e a reflexão universalizante.

Handke (1989, p. 45) afirma que, em meio ao cansaço, “as ocorrências narravam a si mesmas, sem mediação das palavras. Graças ao meu cansaço, o mundo se livrava de seus nomes e se alargava”. Essa passagem sugere que o cansaço atua como uma espécie de suspensão da linguagem ordinária, instaurando um regime narrativo silencioso, no qual o mundo se dá antes das palavras.

Tal perspectiva encontra ressonância na teoria da narrativa de Paul Ricoeur, *Tempo e Narrativa* (1983), segundo a qual o tempo humano se torna inteligível por meio da *mimesis* — a tríplice articulação entre a pré-figuração do agir, a configuração da narrativa e a refiguração da experiência no ato de leitura. Os quatro modos de relação descritos por Handke podem ser lidos em diálogo com essa estrutura, pois evidenciam diferentes formas de articular experiência, linguagem e sentido, ora no silêncio pré-narrativo, ora na configuração discursiva, ora na refiguração ética diante do outro.

Essa dimensão ética do cansaço, por sua vez, ressoa na filosofia da alteridade de Emmanuel Levinas. Para o pensador, a relação com o outro excede sempre a linguagem conceitual, manifestando-se como interpelação ética anterior a qualquer discurso (*Totalidade e Infinito*, 1971). Assim, o “narrar sem palavras” de Handke pode ser compreendido não apenas como experiência estética ou narrativa, mas também como abertura ética, uma disponibilidade para o outro que se dá no silêncio e na receptividade.

A leitura proposta neste artigo segue um percurso hermenêutico e comparativo. Em primeiro lugar, realiza-se uma leitura imanente do texto de Handke, destacando passagens significativas que revelam sua concepção do cansaço como experiência originária. Em seguida, tais passagens são interpretadas à luz de referenciais externos: a fenomenologia do tempo e da narrativa em Ricoeur, a filosofia da alteridade em Levinas e, em segundo plano, a ontologia existencial de Heidegger (*Ser e Tempo*, 1927), em que o esgotamento do *Dasein* pode ser entendido como revelador do modo de ser-no-mundo. Por fim, a análise busca articular tais perspectivas, defendendo que a obra de Handke oferece uma síntese singular entre literatura e filosofia, narrativa e ética.

A validação externa deste percurso interpretativo apoia-se em dois aspectos. Em primeiro lugar, na relevância dos referenciais escolhidos: Ricoeur, Levinas e Heidegger constituem marcos incontornáveis da filosofia contemporânea, amplamente discutidos em contextos acadêmicos internacionais. Aproximar Handke dessas tradições insere a análise em um diálogo reconhecido entre literatura e filosofia, conferindo legitimidade ao escopo do trabalho. Em segundo lugar, a validação se dá pelo cruzamento entre os níveis de leitura: ao articular dimensões fenomenológicas, narrativas e éticas, o artigo demonstra a fecundidade hermenêutica da obra de Handke, ultrapassando a mera descrição literária para inscrevê-la em debates teóricos mais amplos.

A hipótese que orienta este estudo é a de que, em *Ensaio sobre o cansaço*, o cansaço constitui uma experiência originária que simultaneamente suspende e inaugura a narrativa, configurando um campo de escuta silenciosa e de abertura ética. Através desse enquadramento, pretende-se mostrar que o cansaço, longe de ser uma mera

debilidade, é um gesto fundante, um modo de relação que permite repensar tanto a temporalidade narrativa quanto a alteridade ética.

2 FENOMENOLOGIA DO CANSAÇO

Em *Ensaio sobre o cansaço*, Peter Handke conduz o leitor a uma reflexão que se afasta do entendimento ordinário da fadiga como simples esgotamento físico ou mental. Para ele, o cansaço se configura como experiência originária, portadora de uma potência reveladora. O autor nota que, em meio à exaustão, “as ocorrências narravam a si mesmas, sem mediação das palavras. Graças ao meu cansaço, o mundo se livrava de seus nomes e se alargava” (Handke, 1989, p. 45). Essa afirmação já desloca a análise do terreno fisiológico para o ontológico: o cansaço não é mera perda, mas abertura. Ele suspende o fluxo habitual da linguagem e da ação, permitindo que o mundo se apresente em uma forma mais nua, mais anterior às mediações simbólicas.

2.1 O CANSAÇO E A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

Na tradição fenomenológica, Husserl propõe a *epoché* como método de suspensão das crenças naturais para deixar aparecer a essência do fenômeno. Ao colocar “entre parênteses” o já dado, torna-se possível apreender o modo como os fenômenos se constituem na consciência (Husserl, 1913, p. 61). O cansaço descrito por Handke pode ser compreendido como uma espécie de *epoché involuntária*: ao retirar o sujeito de suas intenções práticas e de sua atividade cotidiana, ele suspende o automatismo da vida natural, instaurando um campo de abertura perceptiva. Nesse estado, o mundo não desaparece, mas se alarga, mostrando-se em sua facticidade anterior às categorias. Esse paralelismo entre cansaço e redução fenomenológica mostra que o esgotamento corporal pode cumprir uma função epistemológica: ao dissolver os hábitos de nomeação e interpretação, abre-se uma experiência mais direta do fenômeno. O “alargamento” de que fala Handke (1989, p. 45) corresponde a uma ampliação do horizonte fenomenal, já que o sujeito, impedido de impor sobre o mundo seus esquemas de ação, torna-se receptivo ao modo como o mundo se oferece.

2.2 O CANSAÇO COMO *STIMMUNG* EM HEIDEGGER

Heidegger interpreta os estados de ânimo (*Stimmungen*) como modos privilegiados de revelação do ser-no-mundo. Em *Ser e Tempo*, o filósofo afirma que tais disposições afetivas não são meros estados subjetivos, mas estruturas ontológicas que desvelam o Dasein em sua facticidade (Heidegger, 1927, p. 134). Entre elas, o tédio profundo (*Langeweile*) ocupa um lugar de destaque: quando nada mais “prende” o sujeito, emerge uma experiência temporal dilatada, em que o tempo se arrasta e os entes se retiram, expondo o ser à sua própria condição de abertura (Heidegger, 1927, p. 138). O cansaço, em Handke, pode ser compreendido como *Stimmung* análoga ao tédio profundo. Quando ele descreve o “primeiro modo”, em que se sente “mudo, dolorosamente excluído das ocorrências” (Handke, 1989, p. 45), temos a manifestação clara de um estado de disposição que retira o sujeito da familiaridade cotidiana com os

entes. Não há, nesse momento, ação produtiva ou narratividade convencional: apenas a suspensão. O mundo, contudo, não se anula; pelo contrário, torna-se mais presente em sua materialidade silenciosa. Esse aspecto fenomenológico é fundamental: o cansaço não é apenas um déficit, mas uma modalidade de revelação. Ele interrompe a pressa e a funcionalidade, permitindo que o ser-no-mundo se veja despojado de sua instrumentalidade e confrontado com a pura presença. Assim, o cansaço, enquanto *Stimmung*, retira o sujeito do ritmo compulsivo da produtividade e o coloca diante de um tempo qualitativo, no qual a experiência pode se alargar.

2.3 O CORPO FATIGADO E A CONSCIÊNCIA DE VULNERABILIDADE

A reflexão de Handke encontra também ressonância na fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty. Para este, o corpo não é objeto no mundo, mas condição de possibilidade da experiência: “É pelo corpo que temos um tempo e um espaço” (*Fenomenologia da percepção*, 1945, p. 145). O cansaço, ao paralisar ou limitar a motricidade, obriga a consciência a experimentar o corpo não como meio transparente de ação, mas como peso, resistência e obstáculo. O que habitualmente se oferece como transparência (o corpo como veículo tácito de intenções) torna-se opaco e evidente. Nesse sentido, o cansaço revela a vulnerabilidade essencial do sujeito. O corpo cansado não responde, não obedece à vontade, mas impõe sua própria temporalidade, lenta e arrastada. Esse fenômeno obriga a consciência a reconhecer-se enraizada em uma materialidade que escapa ao controle. Handke, ao narrar sua experiência de cansaço, não descreve apenas uma percepção modificada do mundo externo, mas uma transformação radical do modo de habitar o próprio corpo.

2.4 CANSAÇO, SILÊNCIO E LINGUAGEM

A experiência descrita por Handke também pode ser relacionada à análise de Maurice Blanchot sobre a fadiga e o limite da linguagem. Em *L'espace littéraire*, Blanchot afirma que “o cansaço é ainda linguagem, mas uma linguagem que se esgota no silêncio” (Blanchot, 1955, p. 92). O que Handke descreve ao falar de um “narrar sem palavras” (1989, p. 46) ecoa essa concepção: o cansaço não anula a narrativa, mas a transforma em silêncio significativo, um silêncio que ainda comunica, ainda narra. O corpo fatigado fala, mesmo quando cala, instaurando uma forma de linguagem não discursiva.

2.5 O CANSAÇO E A CRÍTICA CONTEMPORÂNEA DA PRODUTIVIDADE

Em um horizonte mais atual, Byung-Chul Han observa que a sociedade contemporânea do desempenho gera um tipo de cansaço destrutivo, o “cansaço do excesso de positividade”, que conduz ao esgotamento e à depressão (Han, 2017, p. 18). O cansaço descrito por Handke, contudo, é de outra ordem: não o burnout, mas o cansaço revelador, criativo, que suspende o excesso de estímulos e possibilita uma experiência de abertura silenciosa. Em oposição ao cansaço patológico do neoliberalismo, Handke propõe uma experiência de cansaço que reconcilia o sujeito com o mundo, ao invés de aliená-lo.

2.6 SÍNTESE FENOMENOLÓGICA

A análise fenomenológica do cansaço em Handke revela, portanto, uma convergência notável com a tradição filosófica do século XX. Em Husserl, vemos a suspensão involuntária das intencionalidades como uma *epoché* existencial; em Heidegger, o cansaço assume a forma de *Stimmung* que desvela o ser-no-mundo na ausência de finalidade; em Merleau-Ponty, ele revela o corpo como opacidade e vulnerabilidade; em Blanchot, converte-se em silêncio narrativo; e, em contraste com Han, surge como cansaço originário e não destrutivo. O cansaço, longe de ser reduzido a uma condição deficitária, é aqui compreendido como um fenômeno originário de abertura, que expõe o sujeito à temporalidade, ao corpo e ao mundo de maneira intensificada. O ensaio de Handke, assim, não apenas descreve, mas performa a própria experiência fenomenológica: ao narrar o cansaço, ele nos faz experienciar o alargamento silencioso do mundo, validando, no plano literário, os conceitos filosóficos mais fundamentais da fenomenologia contemporânea.

3 CANSAÇO E NARRATIVA

A leitura de *Ensaio sobre o cansaço* revela que Handke não está apenas descrevendo estados físicos de exaustão, mas elaborando uma verdadeira teoria implícita da narrativa. Sua proposta é a de que o cansaço, ao modificar a percepção, também modifica os modos de narrar. Os quatro modos de relação que ele identifica correspondem a diferentes formas de narratividade, que oscilam entre silêncio, espontaneidade discursiva e abertura comunitária. Essa perspectiva desafia a concepção corrente segundo a qual narrar exige sempre energia, consciência ou intenção. Em Handke, o narrar brota precisamente quando tais condições se desfazem.

O “primeiro modo” é aquele em que o sujeito se descobre mudo, excluído das ocorrências, incapaz de articular qualquer palavra (Handke, 1989, p. 45). Esse silêncio inicial não é vazio, mas um ponto de partida. Se pensarmos com Paul Ricoeur, que define a *mimesis I* como a pré-figuração do campo prático e simbólico da ação, o primeiro modo corresponde a uma espécie de pré-figuração radicalizada, onde as estruturas da ação estão presentes, mas não podem ser configuradas em narrativa. É uma experiência que antecede a narrativa, onde o mundo se apresenta em sua materialidade bruta, mas o sujeito não encontra ainda voz para ordenar. Trata-se de uma narratividade potencial, latente, que se anuncia na própria impossibilidade da fala. O silêncio do cansaço é já uma forma de narrativa, porque inscreve a experiência no tempo, ainda que sem trama ou enredo.

O “segundo modo” descrito por Handke se caracteriza pelo movimento contrário: o mundo, livre das palavras, invade a interioridade e começa a narrar-se a si mesmo sem a mediação do sujeito. “As ocorrências narravam a si mesmas, sem mediação das palavras” (Handke, 1989, p. 45). Aqui estamos diante de um fenômeno intermediário, no qual a fronteira entre mundo e sujeito se dissolve, e a narrativa surge como uma espécie de fluxo espontâneo que não depende de uma voz ativa. Ricoeur, ao tratar da *mimesis I* em direção à *mimesis II*, indica que o campo da ação humana já possui uma estrutura de significância antes de ser narrado (Ricoeur, 1983, p. 73). Handke

radicaliza essa concepção: o próprio mundo, em sua exterioridade, já possui uma narrativa silenciosa, que se impõe ao sujeito fatigado. O cansaço funciona, assim, como condição para escutar essa narratividade que não é fabricada pela consciência, mas que brota do real.

No “terceiro modo”, surge finalmente o narrar articulado, ainda que de forma involuntária, “frase a frase” (Handke, 1989, p. 46). O sujeito cansado começa a falar sem planejar, sem organizar previamente o discurso. A narrativa emerge como necessidade vital, como se fosse impossível não dizer. Este é o espaço próprio da *mimesis II*, a configuração narrativa. Aqui, a experiência é transformada em discurso, e o tempo vivido encontra forma na trama, ainda que fragmentária. Para Ricoeur, “a narrativa é mediação entre o tempo vivido e o tempo universal, entre a experiência e sua significação” (Ricoeur, 1983, p. 85). O narrar involuntário do sujeito cansado é a prova de que a narrativa é estrutural à condição humana: mesmo quando a consciência se encontra diminuída, a vida insiste em configurar-se em palavras.

O “quarto modo” de Handke é, talvez, o mais enigmático e profundo: o mundo narra a si mesmo em silêncio, não apenas para o sujeito fatigado, mas também para o outro que partilha a cena — “para mim, bem como para esse vizinho espectador grisalho” (Handke, 1989, p. 46). Aqui não há apenas pré-figuração ou configuração, mas a experiência da refiguração, que Ricoeur chama de *mimesis III*. Nesse nível, a narrativa já não é apenas produção de discurso, mas encontro entre experiência e horizonte de compreensão, num processo de leitura, de escuta e de partilha. O cansaço, ao suspender o domínio ativo do sujeito, cria a possibilidade de que a narrativa se torne comunitária, silenciosa e ética. O mundo narra não apenas para si, mas diante de um outro, instaurando uma narrativa partilhada que não precisa de palavras para se efetivar.

Essa leitura evidencia que Handke propõe uma visão ampliada de narratividade, em que o silêncio, a passividade e o próprio corpo fatigado são elementos constitutivos da trama. Ricoeur havia mostrado que “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de forma narrativa” (Ricoeur, 1983, p. 85). Handke acrescenta que o tempo humano também pode ser articulado em silêncio, quando o cansaço suspende a palavra e permite que o mundo se conte a si mesmo. Essa proposta dialoga ainda com Maurice Blanchot, para quem “o cansaço é ainda linguagem, mas uma linguagem que se esgota no silêncio” (*L’espace littéraire*, 1955, p. 92). O quarto modo de Handke é exatamente isso: o silêncio que ainda narra, a ausência de palavra que se converte em presença partilhada.

Portanto, os quatro modos do cansaço podem ser lidos como uma fenomenologia da narrativa: do silêncio inicial, passando pela invasão do mundo, até a emergência involuntária da palavra e a abertura à comunidade silenciosa. Esse percurso mostra que narrar não é apenas organizar acontecimentos em discurso coerente, mas também acolher o silêncio, reconhecer a passividade e partilhar a experiência com o outro. O cansaço é, assim, potência narrativa: revela que até na exaustão, quando o sujeito perde a força de ordenar, a vida insiste em contar-se, em se deixar narrar, seja pela palavra, seja pelo silêncio.

4 CANSAÇO E ÉTICA

A leitura fenomenológica e narrativa de *Ensaio sobre o cansaço* encontra seu ápice quando interpretada sob a chave ética. Handke não descreve apenas experiências interiores ou formas de percepção alterada, mas sugere que o cansaço, em sua radicalidade, é também uma abertura ao outro. No “quarto modo” descrito pelo autor, o mundo “narra a si mesmo, em silêncio, para mim, bem como para esse vizinho espectador grisalho” (Handke, 1989, p. 46). Essa cena aparentemente banal — a partilha silenciosa do cansaço diante de um outro — contém uma dimensão ética profunda: o sujeito fatigado não apenas se recolhe em si, mas reconhece a presença do outro como participante da mesma narrativa.

Essa concepção aproxima-se do pensamento de Emmanuel Levinas, para quem a relação ética é sempre anterior à linguagem. Em *Totalidade e Infinito*, o filósofo afirma que “a presença do rosto é já discurso” (Levinas, 1971, p. 43). Isso significa que o encontro com o outro se dá antes de qualquer palavra ou conceito: é interpelação silenciosa, exigência ética que precede a consciência. O quarto modo de Handke ecoa essa visão: o silêncio do cansaço não é vazio, mas espaço onde o outro se inscreve como presença irreduzível. O mundo narrando a si mesmo “para mim e para o vizinho” é a imagem literária dessa interpelação levinasiana, em que a subjetividade fatigada se vê partilhada, desposuída de sua centralidade e exposta à alteridade.

Ao mesmo tempo, o cansaço, em sua suspensão da ação, também pode ser lido à luz de Jean-Luc Nancy. Em *Ser singular plural*, Nancy insiste que a existência nunca é solitária, mas sempre partilhada: “O ser é sempre ser-com” (Nancy, 1996, p. 30). O cansaço, ao enfraquecer as barreiras da individualidade, desvela essa dimensão comunitária originária. Quando Handke descreve a cena em que o silêncio se torna narrativa compartilhada, estamos diante da manifestação literária do “ser-com” nancyano: o sujeito não sustenta sozinho a narrativa, mas a divide com o outro, que é testemunha e co-participante da experiência. A ética do cansaço, nesse sentido, consiste em reconhecer que a vida é sempre comum, mesmo quando se cala.

A dimensão ética do cansaço também pode ser ampliada em diálogo com Georges Bataille, especialmente em sua reflexão sobre a experiência-limite. Para Bataille, há experiências em que o sujeito ultrapassa os limites da utilidade e da racionalidade, entrando em contato com o excesso, com o impossível (Bataille, 1943, p. 89). O cansaço, em Handke, pode ser compreendido como uma dessas experiências-limite: ele suspende a lógica da produtividade e expõe o sujeito ao inútil, ao silêncio, à pura presença do mundo e do outro. Essa inutilidade não é negativa, mas condição de revelação. Ao narrar o cansaço, Handke nos coloca diante daquilo que escapa à lógica do trabalho e da ação, mas que funda a possibilidade de uma ética da escuta e da receptividade.

A ética do cansaço, portanto, consiste em sua capacidade de abrir o sujeito à alteridade em um nível pré-discursivo. Não se trata de um dever moral imposto pela razão, mas de uma vulnerabilidade constitutiva. O sujeito cansado não pode dominar, não pode controlar, não pode impor a palavra: só pode escutar, acolher, estar com. Essa passividade é também responsabilidade, pois a abertura ao outro se dá precisamente quando a força se esgota. Levinas reconhecia nessa vulnerabilidade a essência da ética: “ser responsável é sempre já ser responsável pelo outro, mesmo contra a própria

vontade” (Levinas, 1971, p. 114). O cansaço em Handke é figura dessa responsabilidade involuntária: no silêncio da exaustão, o sujeito descobre-se eticamente implicado com o outro que o observa e com o mundo que se narra.

Essa interpretação ética do cansaço se distingue de leituras meramente negativas da fadiga. Em Byung-Chul Han, por exemplo, a sociedade contemporânea produz o “cansaço do desempenho”, que conduz à depressão e à autoexploração (Han, 2017, p. 18). Handke, ao contrário, descreve um cansaço originário, que não destrói, mas abre. É um cansaço fecundo, que, ao suspender a palavra, faz emergir a escuta. Trata-se de um cansaço ético, porque obriga o sujeito a reconhecer que o mundo e o outro continuam a narrar-se, mesmo quando ele próprio já não pode sustentar o discurso.

Assim, o cansaço em Handke pode ser compreendido como uma figura literária da ética: ele mostra que a vulnerabilidade e a suspensão não significam vazio ou ausência, mas possibilidade de relação. No silêncio fatigado, o mundo fala, o outro se apresenta e a subjetividade se reconhece responsável. A ética do cansaço é, portanto, uma ética da escuta, da hospitalidade e da comunidade. É nesse sentido que a obra de Handke não apenas descreve uma experiência pessoal, mas propõe um modelo filosófico de alteridade: narrar, calar e escutar como dimensões inseparáveis do viver-com.

5 CONCLUSÃO

A análise de *Ensaio sobre o cansaço*, de Peter Handke, permite compreender que o cansaço, longe de ser mero déficit fisiológico ou simples indisposição psicológica, pode ser elevado à condição de categoria filosófica e literária. Ao narrar seus quatro modos de relação com o mundo em estado de exaustão, Handke não apenas descreve sensações, mas constrói uma verdadeira fenomenologia do cansaço, uma teoria narrativa implícita e uma ética da escuta e da alteridade.

No plano fenomenológico, vimos que o cansaço funciona como uma suspensão análoga à redução husserliana: ao retirar o sujeito do fluxo de intencionalidades habituais, abre-se a possibilidade de perceber o mundo em sua facticidade bruta (Husserl, 1913, p. 61). A experiência descrita por Handke aproxima-se também do tédio profundo heideggeriano, que desvela a temporalidade dilatada do ser-no-mundo (Heidegger, 1927, p. 138), e da percepção corporal merleau-pontyana, em que a vulnerabilidade do corpo se torna consciência (*Fenomenologia da percepção*, 1945, p. 145). O cansaço, nesse sentido, não é vazio, mas revelação: estado de ânimo em que o mundo se apresenta sem os filtros da utilidade e da pressa.

No plano narrativo, Handke amplia a concepção ricoeuriana da *mimesis*. Se para Ricoeur “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de forma narrativa” (Ricoeur, 1983, p. 85), Handke mostra que tal articulação não se restringe à palavra articulada, mas pode incluir o silêncio, a exclusão e a passividade. Seus quatro modos de cansaço configuram uma narrativa originária: o silêncio mudo (*mimesis I radicalizada*), o mundo narrando a si mesmo em silêncio (*limiar entre mimesis I e II*), o narrar involuntário (*mimesis II*) e a partilha silenciosa com o outro (*mimesis III*). Assim, o cansaço não apenas se deixa narrar, mas se revela como potência narrativa, mostrando que até a ausência de palavras pode contar.

No plano ético, a contribuição de Handke é ainda mais profunda. O quarto modo de cansaço, em que o mundo se narra em silêncio diante de um outro, revela a dimensão da alteridade. Aqui ecoa a afirmação levinasiana de que “a presença do rosto é já discurso” (Levinas, 1971, p. 43): o encontro com o outro é interpelação silenciosa, anterior à palavra. O sujeito cansado é também sujeito exposto, vulnerável, responsável. Ao mesmo tempo, a cena literária de Handke ilustra o “ser-com” de Jean-Luc Nancy (1996, p. 30), pois a narrativa nunca é solitária, mas sempre partilhada. E, no horizonte de Bataille, o cansaço é experiência-limite: ultrapassa a lógica da produtividade e revela a dimensão do inútil como abertura para o impossível (Bataille, 1943, p. 89).

A síntese desses três planos permite afirmar que o cansaço, em Handke, é figura liminar: experiência que suspende, mas também inaugura; que cala, mas também narra; que retira a força, mas confere sentido. Ele é, ao mesmo tempo, fenomenologia do silêncio, narrativa originária e ética da escuta. Contra a lógica contemporânea que associa cansaço à patologia, como no diagnóstico de burnout e no “cansaço do desempenho” descrito por Byung-Chul Han (2017, p. 18), Handke recupera o cansaço como possibilidade de reconciliação com o mundo, com o tempo e com o outro.

O *Ensaio sobre o cansaço* é, assim, mais do que um relato subjetivo: é uma meditação literária que dialoga com algumas das maiores questões da filosofia do século XX. Ao transformar o esgotamento em chave de revelação, Handke reinscreve o lugar do cansaço no pensamento contemporâneo, mostrando que nele se encontram as condições para uma vida mais lúcida, menos dominada pela pressa e mais aberta ao silêncio e à presença do outro.

O cansaço, portanto, não deve ser compreendido apenas como falência, mas como condição de possibilidade. Ele é, simultaneamente, despojamento e fundação, vazio e plenitude. No silêncio da exaustão, o mundo se reconta; no limite da palavra, a narrativa se reinventa; na vulnerabilidade do corpo fatigado, a ética se torna inescapável. Handke nos lembra que é justamente quando cessam nossas forças que nos tornamos mais humanos: abertos ao tempo, sensíveis à presença, responsáveis pelo outro.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, Georges. **L'expérience intérieure**. Paris: Gallimard, 1943.

BLANCHOT, Maurice. **L'espace littéraire**. Paris: Gallimard, 1955.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HANDKE, Peter. **Ensaio sobre o cansaço**. Tradução de José Mariani de Macedo. Lisboa: Relógio d'Água, 1989.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015 [1927].

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Livro I. Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias & Letras, 2006 [1913].

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e infinito**. Tradução de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1945].

NANCY, Jean-Luc. **Ser singular plural**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Edições 34, 2001 [1996].

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo I. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas: Papirus, 1994 [1983].